

RESENHA

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015. ISBN: 978-85-7244-886-4

Argumentação

Antonio Escandiel de Souza

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ – Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil

Inicialmente, vale destacar que a argumentação é de extrema importância em nosso convívio social, pois há sempre alguém tentando nos persuadir através de um discurso convincente e, nessa perspectiva, José Luiz Fiorin, mestre e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), publica o livro *Argumentação*, pela Editora Contexto. A obra tem como objetivo discutir as bases da argumentação e de expor as principais organizações discursivas utilizadas na persuasão, ou seja, os principais tipos de argumentos. Para tanto, o autor revisita, principalmente, o Órganon, de Aristóteles, e o Tratado da argumentação, de Perelman e Tyteca, Introdução à retórica, de Olivier Reboul, e *Rhetorique et argumentation*, de Jean-Jacques Robrieux. Destinada especialmente a profissionais e estudantes de Letras, Jornalismo, Direito e áreas afins, a obra é organizada em três partes. Na primeira parte o autor apresenta os problemas gerais de argumentação, focalizando argumentação e discurso, argumentação e inferência, formas de raciocínio e os fatores de argumentação. Ao abordar esses aspectos, Fiorin chama atenção para o fato de que na medida em um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento. Segundo ele, todos os discursos são argumentativos, pois são uma reação responsiva a outro discurso. O conteúdo da segunda parte, denominada de Os argumentos, traz questões referentes aos argumentos quase lógicos, argumentos fundados na estrutura da realidade e outras técnicas argumentativas e, para tanto, Fiorin apoia-se em Perelman e Tyteca, na obra Tratado de argumentação. Com o objetivo de facilitar a leitura, Fiorin exemplifica, ao longo da obra, suas teorias por meio de fragmentos de textos literários e da mídia impressa. Isso pode ser comprovado quando, ao abordar o argumento por ilustração, o autor recorre a um texto da revista Veja, de 9/4/2014 e à fábula de Esopo intitulada “O abeto e o espinheiro” (pág. 188). Trata-se de exemplos que ilustram a tese que os brasileiros gostam de levar vantagem em tudo. Entretanto, o autor ressalta que no caso da argumentação pela ilustração e pelo exemplo, constitui defeito argumentativo dar à afirmação geral um alcance que o caso

particular não permite. Não se pode, segundo ele, dizer, a partir de um único caso de corrupção no serviço público, que todos os funcionários são corruptos. As generalizações indevidas, as afirmações gerais que nada têm a ver com os casos particulares destroem a argumentação. Ainda na segunda parte do livro, focalizando as técnicas argumentativas, o autor resgata as Refutações sofisticadas, nas quais Aristóteles dizia que as metas a que visam os polemistas são “uma pura e simples refutação”, “mostrar que o opositor está mentindo”, “conduzi-lo a um paradoxo” (= uma incoerência), “fazê-lo cometer um solecismo, isto é, fazer o respondente, a título do resultado do argumento, discursar em termos rudimentares ou incultos”. Nesse sentido, Fiorin entende que o erro linguístico tem, muitas vezes, uma função argumentativa, pois ela compromete a imagem do enunciador e, por consequência, a do seu enunciado. A terceira parte traz considerações sobre a organização do discurso. O autor inicia essa parte da obra afirmando que uma das partes da retórica é a disposição (em latim, *dispositivo*; em grego, *táxis*) e nela estuda-se como se ordenam os argumentos, como se organiza o discurso. Sua estruturação segue um plano o qual Bakhtin (1992, pág. 279) denominaria de construção composicional. Ao fazer essa afirmação, Fiorin argumenta, novamente, com base em Bakhtin (1992, pág. 300), que esse plano é uma organização formal que, como em qualquer gênero do discurso que não exige padronização absoluta. O texto menciona Aristóteles, segundo o qual o discurso deve ter obrigatoriamente duas partes: a exposição do assunto e a prova, pois é preciso expor o tema de que se trata e, em seguida, fazer a demonstração da tese desenvolvida. Fiorin descreve que, no entanto, o plano padrão apresenta cinco partes: o exórdio, a narração, a confirmação, a digressão e a peroração. A primeira parte, o exórdio, é a introdução do discurso, cuja função é conquistar o auditório, prender sua atenção, criar nele uma expectativa favorável para o que será apresentado. A segunda parte é a narração, onde o orador expõe detalhadamente os fatos que constituem a questão sobre a qual se debaterá e pode formar uma unidade com a parte seguinte. A terceira parte é confirmação, na qual o enunciador expõe as provas, ou seja, os argumentos para comprovar sua tese. A quarta parte é digressão, que é opcional. Nela o orador procura, com uma narrativa ou descrição que se afasta do tema, suscitar os sentimentos do auditório: indignação, piedade, etc. A quinta parte é a peroração, na qual o orador busca elevar-se diante do auditório e diminuir seu adversário. Como exemplificação dessas cinco partes, a exemplo das demais, o autor recorre a fragmentos da obra Sermão da Epifânia, do Padre Antônio Vieira. Dando sequência às suas reflexões sobre argumentação, Fiorin apresenta, na terceira parte da obra, a organização dos textos dissertativos. Trata-se de um verdadeiro roteiro através do qual o leitor encontra orientações sobre a organização dos textos dissertativos: introdução, desenvolvimento e conclusão. Conforme o autor, na introdução enuncia-se o problema, no desenvolvimento discute-se o problema e tenta-se resolvê-lo e na conclusão, faz-se um balanço da discussão. Fiorin menciona que a introdução é o exórdio; o desenvolvimento é a confirmação, em que o enunciador expõe os argumentos para demonstrar sua tese; a conclusão é

a peroração. O que varia é a maneira de organizar o desenvolvimento, onde podemos ter, pelo menos, cinco planos de organização dessa parte. Expõe o autor que o desenvolvimento pode ser organizado em planos: plano dialético, plano de problema, causas e soluções, plano de inventário, plano comparativo, plano de ilustração e explicitação de uma afirmação e ainda a combinação de diferentes planos. O dialético é um dos planos mais comuns numa dissertação e nele, os conteúdos organizam-se em: tese, argumentos em favor dela; antítese, ponto de vista contrário ao exposto anteriormente sobre a questão; síntese, que pode ser a vitória de uma das teses em conflito ou a conciliação, seja pelo estabelecimento de uma verdade média mais matizada que as expressas na tese e na antítese, seja pela ultrapassagem da contradição pelo concurso de novos elementos que demonstrem que ela é apenas aparente. O plano de problema, causas e soluções aponta um problema, discute suas causas e indica soluções, enquanto o plano de inventário enumera e explica todos os elementos que compõem um dado assunto. O plano comparativo discute a questão enunciada na introdução, comparando fatos ou conceitos diferentes. A combinação de diferentes planos, segundo Fiorin, começa com um plano dialético, pois, embora não anuncie uma antítese e a defesa, expõe uma tese e arrola argumentos a favor dela. A seguir, para mostrar a existência de um protofascismo, trabalha com um plano inventário, enumerando e discutindo as 14 características da nebulosa fascista. Portanto, um texto mais longo pode combinar diferentes formas de organização do assunto. Ao abordar a conclusão, o autor argumenta que esta não é a mera repetição de algo que se disse anteriormente, mas sim o termo da demonstração, é um ponto de chegada, um balanço do que se discutiu antes. Por isso, deve estar ligada, obviamente, ao que a precede. Encaminhando para o final da obra, o autor discorre sobre teorias do discurso e argumentação e justifica o fato de recorrer aos estudos das técnicas argumentativas feitos pelos antigos. Segundo ele, esses estudos são notáveis pela acuidade, pela precisão e pela exaustividade e, por isso, devemos nos valer sempre deles. Afirma ainda que o que as diferentes teorias do discurso devem fazer é herdar a retórica no estudo dos procedimentos discursivos, levando em consideração séculos de estudos já realizados. Continuando suas reflexões finais, Fiorin afirma que os procedimentos argumentativos podem ser estudados como organizações discursivas e podem, então, ser descritos de maneira bastante fina com uma metalinguagem bem precisa. José Luiz Fiorin encerra a obra *Argumentação* ressaltando que poderia continuar a exemplificar como se pode descrever, com uma metalinguagem precisa nos quadros de uma teoria do discurso, os diferentes procedimentos argumentativos, entretanto, os que foram descritos são suficientes para comprovar que, se não podemos levar em conta os antigos nos estudos discursivos de argumentação, não estamos condenados a repeti-los servilmente, como faz a maioria dos estudiosos da matéria. Rica em exemplos ilustrativos, a obra *Argumentação* é fundamental para quem deseja aprimorar o conhecimento sobre argumentação do ponto de vista discursivo. Trata-se de uma leitura

marcada pela intertextualidade, a partir do momento em que recorre a inúmeras outras obras, característica das produções de Fiorin.
